

Fala de Lula afronta até os interesses palestinos

ANÁLISE

Lourival Sant'Anna
É colunista do Estadão e analista de assuntos internacionais

Ao comparar a criminoso campanha de Israel na Faixa de Gaza com o Holocausto, o presidente Lula não afrontou apenas os judeus, o bom senso e a imagem do Brasil, mas os interesses dos próprios palestinos. Aparentemente, a única motivação foi buscar uma propulsão no seu voo solo para se projetar como porta-voz do Sul Global.

Qualquer adulto capaz de enxergar acima de sua trincheira tribal compreende que a comparação com o Holocausto torna qualquer atrocidade menos atroz. É para isso que serve o extremo lógico: criar uma hipótese, uma lente de aumento, que deforma a realidade para tornar aceitável o inaceitável. Assim, alguém que condena a brutal campanha de Israel contra os palestinos equiparando-a à campanha de Adolf Hitler contra os judeus se desqualifica para o debate e fortalece a posição daqueles que procuram normalizar a carnificina na Faixa de Gaza.

Essa provavelmente não era a intenção de Lula. Como não deve ser a intenção de resolver o problema palestino. Porque,



Presidente Lula durante evento oficial no Palácio do Planalto

para isso, seria preciso se debulhar sobre a complexa realidade do Oriente Médio, sobre uma história de 75 anos de erros, traumas, injustiças, oportunismo e emprego da força bruta.

SELETIVO. Lula não parece ter tempo ou interesse nisso: ele não observou sequer o que os russos estão fazendo na Ucrânia nos últimos dois anos, pois afirma que nunca viu alguém matar mulheres e crianças indiscriminadamente, como Israel está efetivamente fazendo em Gaza.

A indignação seletiva é, por si só, indigna, porque coloca as preferências ideológicas e os impulsos narcísicos acima da compaixão humana. Além de indigna, é ultrajante. Mas o ultraje também pode ser seletivo, e é nesse espaço de incoerência e oportunismo que a hi-

póbole de Lula ganha a ressonância por ele pretendida.

A comparação permite ao governo israelense um momento de heroísmo, colocando-o do mesmo lado das vítimas do Ho-

Declarações são afronta a judeus, à imagem do Brasil e aos interesses palestinos

locausto; e permite ao Hamas um momento de vitimização, colocando-o do mesmo lado das vítimas na Faixa de Gaza.

No mundo real, fora da lente de aumento criada pela comparação de Lula, nem Netanyahu representa os judeus nem o Hamas representa os palestinos. Ambos, cada um ao seu modo, dentro dessa guerra assimétrica, têm causado danos irreparáveis a seus respectivos povos.

As pesquisas indicam que, se houvesse eleições, Netanyahu estaria na bancada da oposição na Knesset, o Parlamento israelense. A maioria dos israelenses rejeita as falhas de segurança que possibilitaram o ataque terrorista do Hamas em 7 de outubro e a condução da campanha militar, focada não em ações cirúrgicas que levem à libertação dos mais de 100 reféns e à decapitação do grupo inimigo, mas no castigo coletivo dos palestinos, que matou dezenas de milhares de inocentes e submete 2 milhões de pessoas à inanição.

Enquanto isso, o Hamas faz o que sempre fez: esconde-se covardemente de trás dos palestinos, submete-os ao máximo sofrimento, para provar sua suposta superioridade moral sobre Israel e, com isso, angariar o patrocínio do Irã e popularidade na chamada "rua árabe".

Apenas potências globais têm condições militares, políticas e econômicas de atuar em todas as regiões do mundo. É por isso que elas são chamadas de "globais". O Brasil é uma potência regional, localizada não no Oriente Médio ou na Europa, mas na América Latina.

O que não significa que o Brasil não possa ajudar, como faz o presidente Lula, ao oferecer

mais recursos para a agência da ONU para refugiados palestinos, a UNRWA. Os EUA e a Europa suspenderam as contribuições à agência depois da denúncia, por parte de Israel, de que 12 funcionários dela participaram das atrocidades do Hamas. A agência tem 13 mil funcionários. Mais de 1 milhão de palestinos dependem dela para sobreviver. Trata-se de mais uma punição coletiva.

A decisão de Lula de reforçar o apoio à UNRWA se encaixa no escopo do governo de um país que se desejaria justo e solidário, como o Brasil. Entretanto, ao responder a uma pergunta, em Adis-Ababa, sobre essa iniciativa, o presidente atacou os outros países que suspenderam a ajuda e fez a desastrosa declaração sobre o Holocausto.

IDEOLOGIA. O domínio das preferências ideológicas sobre os princípios da democracia e da ordem internacional baseada em regras têm comprometido a liderança do Brasil até mesmo sobre a região na qual ele está vocacionado a exercê-la. A Cúpula Sul-Americana, realizada em maio em Brasília, foi marcada por amplo desconforto entre os democratas presentes e pela rejeição explícita dos presidentes do Chile e do Uruguai – um de "esquerda" e outro de "direita" – à cerimônia de desagravo ao ditador venezuelano, Nicolás Maduro. Um dia antes da cúpula, Lula afirmou que a Venezuela é "vítima de uma narrativa de antidemocracia e autoritarismo".

Como se vê, o aparente desejo do presidente de se elevar à condição de contestador da ordem mundial enfraquece sua voz até mesmo onde ela teria chances de ser ouvida. ●

Rússia

Viúva de Alexei Navalni promete seguir sua luta

BRUXELAS

A viúva de Alexei Navalni, Yulia Navalnaia, disse ontem que continuará o trabalho do marido em se opor ao governo autoritário do presidente Vladimir Putin, apresentando-se pela primeira vez como uma força política e apelando aos seus seguidores para se unirem a ela.

A morte súbita de Navalni em uma prisão remota, anunciada pelas autoridades russas na sexta-feira, deixou um vácuo na oposição russa. Seus apoiadores questionavam se a mulher dele – que durante muito tempo evitou os holofotes – poderia intervir para preencher o vazio, uma medida repleta de dificuldades.

Em vídeo divulgado ontem, Navalnaia, de 47 anos, sinali-

zou que sim. Ela disse que estava aparecendo pela primeira vez no canal do marido no YouTube para dizer aos seus seguidores que a coisa mais importante que eles poderiam fazer para honrar seu legado era "lutar mais desesperada e ferozmente do que antes".

Sem liberação
Porta-voz de Navalni disse que autoridades russas levarão pelo menos 14 dias para examinar seu corpo

"Peço que você fique ao meu lado, para compartilhar não apenas o luto e a dor sem fim que nos envolveu e não nos deixará ir. Peço a você que partilhe a minha raiva – raiva e ódio por aqueles que ousaram destruir

o nosso futuro", disse ela.

O governo russo desfez a Fundação Anticorrupção de Navalni no país em 2021, declarando-a uma organização extremista e forçando os principais investigadores do grupo a fugir para o exílio. Cooperar com a organização de dentro da Rússia foi equiparado a auxiliar o terrorismo.

CORPO. Há três dias, os parentes de Navalni, que acusam o Kremlin de tê-lo assassinado e de querer ocultar as evidências de suas ações, tentam recuperar o corpo. A porta-voz do opositor, Kira Yarmish, afirmou que sua mãe, Liudmila Navalnaia, não foi autorizada a entrar no necrotério.

O porta-voz do Kremlin, Dmitri Peskov, se limitou a dizer que a investigação "continuava em andamento". Yarmish afirmou que os investigadores russos disseram que examinarão o corpo por pelo menos 14 dias. ● NYT, AFP

Lêmen

Marinha britânica denuncia dois ataques de houthis a navios em menos de 24 horas

A Marinha do Reino Unido alertou ontem sobre um novo ataque dos rebeldes houthis a um navio na costa do Iêmen, o segundo em menos de 24 horas, que causou danos menores, sem deixar feridos. No domingo, eles atacaram um navio com vários mísseis e toda a tripulação teve de deixar a embarcação. ●

América Central

Partidos de oposição pedem anulação de eleições legislativas em El Salvador

Três partidos de oposição de El Salvador pediram ontem a anulação por supostas irregularidades das eleições legislativas do dia 4, vencidas por ampla margem pelo partido do presidente Nayib Bukele, que foi reeleito. O Tribunal Supremo Eleitoral decidirá nos próximos dias se aceita ou não o pedido. ●

A guerra de Putin

Zelenski diz que situação é 'extremamente difícil' em partes do front na Ucrânia

O presidente ucraniano, Volodimir Zelenski, afirmou ontem que suas tropas enfrentam situações complexas no front e que os atrasos na ajuda militar ocidental beneficiam a Rússia. Os russos conquistaram recentemente a cidade de Avdiivka, em Donetsk, sua primeira grande conquista desde maio. ●